

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

**NAVIO NEGREIRO E QUARTO DE DESPEJO: A CONDIÇÃO DO NEGRO
DESDE O PERÍODO ESCRAVOCRATA ATÉ A CONTEMPORANEIDADE**

**Parintins - AM
2021**

KATRYNE VERÇOSA VIDAL DA COSTA

**NAVIO NEGREIRO E QUARTO DE DESPEJO: A CONDIÇÃO DO NEGRO
DESDE O PERÍODO ESCRAVOCRATA ATÉ A CONTEMPORANEIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso, sob a
forma de Artigo Científico, apresentado como
pré-requisito parcial à obtenção do grau
de Licenciatura em Letras – Língua
Portuguesa, pela Universidade do Estado
do Amazonas.

Orientadora: Prof^ª. MSc. Dilce Pio Nascimento

**Parintins – AM
2021**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Me. Dilce Pio Nascimento

Presidente (UEA)

Prof^o. Me. Franklin Roosevelt Martins Castro

Membro (UEA)

Prof^a. Dra. Patrícia Cristina Reis

Membro (UEA)

Aprovado em: _____

Dedicatória

Dedico este trabalho primeiramente a Deus por me proporcionar saúde em meio a uma pandemia, e plantar em mim o sentimento de amor pelo próximo e coragem para questionar a realidade. A minha família, pelo apoio incondicional em todos os momentos difíceis da minha trajetória acadêmica, em especial a minha avó Eunice por todo carinho, amor, dedicação e cuidados. Minha gratidão eterna.

AGRADECIMENTOS

Agradeço minha querida orientadora professora MSc Dilce Pio que desde o início me apoiou na conquista dessa formação profissional, me incentivando com força e coragem para continuar quando o medo e a insegurança estiveram presentes. Agradeço todos os meus professores por todos os conhecimentos compartilhados, por toda motivação e lições de vida, sem vocês nada disso seria possível.

Navio Negreiro e Quarto de despejo: A condição do negro desde o período escravocrata até a contemporaneidade.

Katryne Verçosa Vidal da Costa¹
Dilce Pio Nascimento²

Resumo:

A escravidão negra no Brasil trouxe profundas marcas a sociedade contemporânea, mais especificamente a população negra do nosso país. Tendo isso em vista, o presente trabalho tem como objetivo fazer um estudo acerca da condição do negro desde o período escravocrata até os dias atuais. Para compor o texto, estudaremos duas grandiosas obras da Literatura Brasileira. O poema Navio Negreiro, de Castro Alves, conhecido como “poeta dos escravos”, onde descreve com imagens e expressões terríveis a situação dos africanos arrancados de suas terras, separados de suas famílias e tratados como animais nos navios negreiros, obra do século XIX e Quarto de Despejo: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus, onde narra o seu dia a dia como mulher negra, mãe solteira, pouco instruída e moradora da favela do Canindé, em São Paulo, relatando de maneira fiel, a dor, o sofrimento, a fome e as angústias dos favelados. Obra do século XX.

Palavras-chave: Escravidão. Negro. Navio Negreiro. Quarto de despejo.

Abstract:

Black slavery in Brazil brought deep marks to contemporary society, more specifically the black population of our country. With this in mind, this work aims to make a study about the condition of black people from the slavery period to the present day. To compose the text, we will study two great works of Brazilian Literature. The poem Navio Negreiro, by Castro Alves, known as the “poet of slaves”, where he describes with terrible images and expressions the plight of Africans torn from their lands, separated from their families and treated like animals on slave ships, a work of the 19th century and Eviction Room: Diary of a Favela Woman, by Carolina Maria de Jesus, where she narrates her daily life as a black woman, single mother, poorly educated and resident of Canindé favela, in São Paulo, faithfully reporting the pain, the suffering, hunger and anguish of the favelados. 20th century work.

Key Words: Slavery. Black. Slaveship. Storage room.

Introdução:

¹ Acadêmica do 8º Período de Letras, do Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP/UEA)

² Orientadora. Professora MSc. do Curso de Letras, do Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP/UEA)

Neste trabalho, pretende-se fazer um estudo, uma análise da condição do negro desde o período escravocrata até os dias atuais, utilizando como base duas obras de séculos distintos da Literatura Brasileira.

O Navio Negreiro é uma poesia de Castro Alves que integra um grande poema épico chamado *Os escravos*. Escrita em 1870 na cidade de São Paulo, a poesia relata a situação sofrida pelos africanos vítimas do tráfico de escravos nas viagens de navio da África para o Brasil. O poema é Divido em seis partes com metrifcação variada.

Numa narrativa vibrante e com uma linguagem expressiva, ao autor vai aos poucos denunciando as precárias condições dos escravos. E, tecendo diversas críticas a esse sistema tão desumano que deixou marcas em nossa história que ficaram enraizadas até os dias atuais.

A leitura é intensa, e nos mostra a indignação perante o navio negreiro, rogando a Deus e ao mar para que tão logo isso acabe, e desse modo vão sendo narradas as próximas partes.

O livro O Quarto de Despejo, obra de Carolina Maria de Jesus, que faz parte de um relato na perspectiva de quem vive na favela, mais especificamente a de uma catadora de papel que só pôde chegar até o segundo ano do ensino fundamental. O livro relata a amarga realidade dos favelados na década de 1950: os costumes de seus habitantes, a violência, a miséria, a fome e as dificuldades para se obter comida.

O tempo passou, a cidade cresceu, mas a realidade de quem vive na miséria não mudou muito. Isso faz o relato de Carolina uma obra atemporal, sempre emocionante.

São duas grandes obras de séculos distintos, mas que nos permitem fazer uma conexão entre a condição do negro de ontem, do período da escravidão, e as marcas que essa fase deixou para os negros de hoje, dos dias atuais, da contemporaneidade

A escravidão no Brasil foi cruel e desumana, a quantidade de africanos que foram trazidos durante três séculos foi tão grande que a imagem do trabalhador escravo em nosso país associou-se com a cor de pele do africano. Um sintoma evidente do racismo que estava por trás da instituição da escravidão em nosso país. Suas consequências, mesmo passados mais de 130 anos da abolição, ainda são perceptíveis. A pobreza, violência e a discriminação que afetam os negros no Brasil são um reflexo direto de um país que normalizou o preconceito contra esse grupo e o deixou à margem da sociedade.

É evidente que muita coisa mudou, muitas foram as mudanças que ocorreram no intervalo dos séculos, porém os danos, as cicatrizes, as dores serão para sempre prejuízos incalculáveis.

1. UM OLHAR PANORÂMICO DA TRAJETÓRIA DO NEGRO NO BRASIL

A escravidão no Brasil tem como marco inicial no ano de 1530, período em que os portugueses implantaram as bases para a colonização. Até o momento a produção de açúcar era a atividade mais rentável, e ao mesmo tempo bastante complexa que necessitava de uma grande quantidade de trabalhadores. Os portugueses não faziam o trabalho braçal e considerado inferior, a alternativa encontrada, foi, portanto, escravizar a mão de obra disponível naquele momento, primeiramente os indígenas, e ao longo dos séculos XVI e XVII, foi sendo substituída pelos negros, os quais se tornaram a maioria de trabalhador escravo do Brasil.

. “Formou-se na América tropical uma sociedade agrária, na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índio – e mais tarde de negro- na composição”. (FREYRE, 2003, p. 65).

Com a chegada dos colonizadores no Brasil, e visto que eram terras favoráveis para agricultura, iniciou-se assim, um longo processo de exploração da mão de obra primeiramente do índio, e em seguida do negro. Já que era um negócio bastante lucrativo explorar os nativos para seus interesses próprios sem dar-lhes nada em troca, tornando-os donos e senhores daquela terra e gente, ou raça inferior como costumavam tratar os negros.

Com os negócios lucrativos, e a demanda de trabalhador braçal cada vez maior, por volta de 1550, teve início no Brasil o tráfico negreiro. “Transportam-se da África para o trabalho agrícola no Brasil nações quase inteiras de negros. Uma mobilidade espantosa”. (FREYRE, 2003, P. 70). Assim, os negros eram arrancados de suas terras e suas famílias, obrigados a realizarem o trajeto presos em porões pequenos e apertados em viagens que duravam semanas. As condições dessas viagens eram extremamente precárias a comida era escassa, doenças se proliferavam entre eles devido às más condições dos porões imundos, e muitos morriam antes mesmo de chegar ao destino. Após serem vendidos como se fossem mercadorias eram tratados como animais selvagens, castigados e chicoteados trabalhavam em condições desumanas, com uma péssima alimentação, vestindo farrapos e morando em galpões úmidos e sem higiene, as

senzalas, uma espécie de alojamento. Suas vidas, suas rotinas eram um eterno sofrimento. E os relatos de toda essa crueldade são bastante marcantes.

[...] esta era sofrer todo o dia o castigo diário das chicotadas soltas, para trabalhar atento e tenso. Semanalmente vinha um castigo preventivo, pedagógico, para não pensar em fuga, e quando chamava atenção, recaía sobre ele um castigo exemplar, na forma de mutilações de dedos, do furo de seios, de queimaduras com tição, de ter todos os dentes quebrados criteriosamente, ou dos açoites no pelourinho, sob trezentas chicotadas de uma vez, para matar, ou cinquenta chicotadas diárias, para sobreviver [...] (RIBEIRO, 1995, p.120).

A vida dos escravizados era cruel e o sofrimento diário, pois trabalhavam em excesso, em condições deploráveis, sem pagamento, sofrendo todo tipo de violências e humilhações, como o tronco onde eram chicoteados, uso de ganchos no pescoço, ou acorrentados no chão, não possuíam direitos, eram proibidos de praticar sua religião e forçados a seguir o catolicismo. Tiraram tudo dos negros, arrancaram sua essência, suas almas, pelo simples fato da cor de sua pele, considera raça inferior, e assim os negros eram explorados até a sua morte. A média de vida útil de um escravo adulto era de dez anos, as mulheres escravizadas eram exploradas para o serviço doméstico, assim como eram exploradas sexualmente pelos seus donos. E por serem mulheres eram vendidas por um preço mais alto aos senhores e capatazes. Tinham um destino “melhor” as que moravam nas casas-grandes. Algumas se tornaram mucamas e outras integraram às famílias, como amas de leite. E depois de não servirem mais tinham uma vida cruel igualmente dos homens.

As negra-massa, depois de servir aos senhores, provocando às vezes ciúmes em que as senhoras lhe mandavam arrancar todos os dentes, caíam na vida de trabalho braçal dos engenhos e das minas em igualdade com os homens. Só a esta negra, largada e envelhecida, o negro tinha acesso para produzir crioulos. (RIBEIRO, 1995, p. 163).

Quando as negras provocavam ciúmes nas senhoras, eram torturadas fisicamente, sofriam violências e humilhações, depois disso eram obrigadas a trabalhar em excesso, em condições desumanas igualmente aos homens, muitas não resistiam e outras ficavam envelhecidas, largadas e exaustas da vida miserável que levavam.

Logo após a chegada dos navios negreiros no Brasil e em virtude das péssimas condições de trabalho, teve início as formas de resistência que os negros encontravam

para fugir de sua vida cruel e miserável, e eles se utilizavam de várias estratégias de sobrevivência como o próprio suicídio, assassinatos de senhores, sabotagens, paralisações, e a maior delas, que eram as fugas, individual ou coletiva. Quando eram capturados pelos capitães- do- mato, sofriam severos castigos.

Já nos anos quase finais da escravidão, a fuga em massa se intensificou e eles passaram a se organizar e formar os quilombos e mocambos, que eram seus esconderijos. Nos quilombos os negros viviam em liberdade, praticavam sua cultura e falavam sua língua. O quilombo mais conhecido foi o Quilombo de Palmares, comandado por Zumbi.

Eram formações protobrasileiras, porque o quilombola era um negro já aculturado, sabendo sobreviver na natureza brasileira, e, também, porque lhe seria impossível reconstituir as formas de vida da África. Seu drama era a situação paradoxal de quem pode ganhar mil batalhas sem vencer a guerra, mas não pode perder nenhuma. Isso foi o que sucedeu com todos os quilombos, inclusive com o principal deles, Palmares, que resistiu por mais de um século, mas afinal caiu arrasado, e teve o seu povo vendido, aos lotes, para o sul e para o caribe. (RIBEIRO, 1995, p.220)

Muitas foram às formas que os negros encontravam para resistir à escravidão, e muitos até mesmo recorriam à negociação com os senhores em busca de trabalhar para si com o propósito de acumular dinheiro e comprar sua carta de alforria. Que era um documento cedido a um escravo por seu dono. Era um tipo de “atestado” de liberdade em que o proprietário abdicava dos seus direitos de posse sobre o escravo. E durante o século XVIII, período conhecido como Século do ouro, muitos escravos conseguiram comprar sua carta de alforria com as economias que juntaram durante toda sua vida.

Em meados do século XIX, muitas transformações ocorreram e com o objetivo de ampliar o mercado consumidor, a Inglaterra passou a contestar a escravidão, já que esse regime era incompatível com a nova dinâmica capitalista, então a alternativa no momento era colocar fim ao sistema escravocrata. E a partir da Inglaterra, surgiram outras movimentações em prol da causa abolicionista, que ocorreu de maneira gradual.

³Em 1850, foi promulgada a Lei Eusébio de Queirós, que acabou definitivamente com o tráfico negreiro intercontinental, os negros não podiam mais ser trazidos da África para o Brasil. Em 28 de setembro de 1871 foi aprovada a Lei do Ventre Livre, que decretava livre todos os filhos de escravos nascidos a partir desta data. Cada vez mais o abolicionismo ganhava força, e, em setembro de 1885 foi

³ Essas informações históricas foram consultadas no Portal da Cultura Afro-Brasileira, disponível no site <https://www.faecpr.edu.br/site/portalafrabrasileira/3IV.php>

aprovada a Lei Saraiva - Cotegipe ou, popularmente, a lei dos Sexagenários, que decretava todos os escravos com 60 anos ou mais seriam libertos, mas, para isso, deveriam trabalhar durante três anos para seu senhor como forma de indenização. Por esse motivo foi considerada uma lei conservadora e retrograda. E, finalmente, no domingo de 13 de Maio de 1888, há 130 anos, por meio de uma lei votada no Senado e assinada pela princesa Isabel, o Brasil aprovou umas das leis mais importantes da história brasileira, a Lei Áurea, que decretou o fim da escravidão no Brasil. Este sendo o último país da América a acabar com o sistema escravocrata.

Entretanto, a lei não criou mecanismos de incorporação dos ex-escravos na sociedade brasileira, tampouco os indenizou após gerações de escravidão. O negro foi abandonado a sua própria sorte, e deixado à margem da sociedade, após vagarem sem destino, acabavam nas periferias das cidades, e aos poucos foram constituindo as primeiras favelas, vivendo ainda na miséria e sobrevivendo de trabalhos braçais.

Foram mais de três séculos de escravidão. Mais de três séculos se passaram, e os reflexos desse período ainda estão entranhados na sociedade até os dias atuais. Os negros constituem uma das camadas mais pobres da sociedade brasileira e marginalizada da sociedade, apresentam elevados índices de analfabetismo e baixa renda, são vítimas de preconceito étnico-racial e sua cor de pele é associada ao trabalho braçal.

A mais terrível de nossas heranças é esta de levar sempre conosco a cicatriz de torturador impressa na alma e pronta a explodir na brutalidade racista e classista. Ela é que incandesce, ainda hoje, em tanta autoridade brasileira e predisposta a torturar, seviziar e machucar os pobres que lhes caem às mãos. Ela, porém, provocando crescente indignação nos dará forças, amanhã, para conter os processos e criar aqui uma sociedade solidária. (RIBEIRO, 1995, p. 120).

Em virtude dos fatos mencionados, somos levados a acreditar que existe uma “abolição inacabada”, pois os negros estão condenados à exclusão social, o preconceito é predominante na sociedade e além de tudo isso, negros são vítimas de homicídio, simplesmente por serem negros. De fato, esta é a mais terrível de nossas heranças.

2. A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA

A representação do negro na literatura Brasileira ainda ocorre de maneira discreta e discriminatória, este sempre ocupando papéis secundários, coadjuvantes ou de

vilões, na maioria das vezes. Essa representação é bastante notória em cada estilo de época.

No Barroco, Gregório de Matos foi à grande expressão do movimento. Ao lado de uma crítica às instituições, aos poderosos, aos costumes do século XVII, as obras de Gregório de Matos apresentam inúmeras sátiras e é conseqüentemente um material vastíssimo, para estudo do negro e do mulato, sua posição e comportamento no contexto social.

Negros e mulatos em Gregório de Matos eram construídos com certo tom de desprezo e repúdio, é perceptível que Gregório possui uma postura racista e coloca o negro em uma posição inferior, além de fazer distinções entre a mulher branca e negra, essa última sendo colocada como objeto sexual e desejo.

Gregório demonstra uma fome por mulheres, sempre fazendo distinção entre a branca e negra. A branca sendo colocada como uma musa, donzela de beleza superior e também utilizando de imagens religiosas para fazer tal comparação, como observado no fragmento do soneto ⁴ “A mesma D. Ângela”, “Anjo no nome, Angélica na cara, isso é ser flor, e anjo juntamente”. O autor usa uma temática amorosa, colocando a mulher branca com nome e feição angelical, sendo tão bela que se assemelha a uma flor.

Já em outras obras, para se referir à mulata, Matos descreve a mulher negra como objeto sexual e de desejo, alguém que tenta o poeta e nota-se ainda, uma diferença brusca no tom do texto e até mesmo no vocabulário utilizado, como observado no fragmento do poema ⁵ “Indo o poeta passear pela ilha da cajaiba, encontrou lavando roupa a mulata Annica e lhe fez este romance”. “tanto deu, tanto bateu co’a barriga, e co’as cadeiras, que me deu a anca fendida mil tentações de fodê-la”.

No Romantismo a trajetória do negro se faz de maneira significativa, visto que poetas do movimento descreveram a vida, cotidiano, castigos, crenças e outros sobre a verdade da vida daquele povo que muito sofreu, marcando uma postura social sobre a necessidade da abolição.

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano! Desce mais... inda mais... não pode olhar humano como o teu mergulhar no brigue voador! Mas que vejo eu aí... Que quadro d’amarguras! É canto funeral!... Que tétricas figuras!... Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror! (ALVES, 2007, p. 12)

⁴ Citação de Gregório de Matos, disponível em [HTTP://www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br)

⁵ Citação retirada de Literatura Brasileira. Textos literários em meio eletrônico. Obra poética de Gregório de Matos, disponível no site [HTTPS://.www.literaturabrasileira.ufsc.br](https://www.literaturabrasileira.ufsc.br)

No poema abolicionista “Navio Negreiro” ⁶de Castro Alves, o autor demonstra sua indignação ao descrever as condições desumanas em que os negros eram transportados da África para o Brasil, todo sofrimento daqueles seres humanos tratados como animais. O autor escreve como forma de denúncia, e passa a ser conhecido como “poeta dos escravos”.

No Realismo, Machado de Assis, representa na obra “O caso da vara” uma negra submissa, frágil e dependente, como o caso de Lucrecia.

⁷“Era uma negrinha, magricela, um frangalho de nada, com uma cicatriz na testa e uma queimadura na mão esquerda. Contava onze anos”. Apesar de não escrito, sabe-se que Lucrecia apanhava de sua senhora, era escrava e submissa, não tendo direito a nada, nem mesmo tossir, muito menos rir, do contrário era castigada. Assim era a vida dos negros mesmo pós-abolição, visto que ainda não tinham muitas escolhas naquele momento, pois ainda não tinham como construir suas vidas então trabalhavam na casa de senhores, tinham obrigações diárias e muitas vezes ainda apanhavam.

No Naturalismo, a obra “O cortiço”, é um romance do escritor brasileiro Aluísio de Azevedo. Retrata a vida das pessoas simples e pobres em um cortiço do Rio de Janeiro. Com um teor crítico, trata-se de uma exímia representação da realidade brasileira do século XIX.

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas. (AZEVEDO, 2019, p. 35)

Mais uma obra que retrata o negro como submisso. O dono do cortiço é um português ambicioso que explora seus empregados e tem uma escrava chamada Bertoleza, que além de empregada torna-se sua amante.

Aluísio retrata em sua obra a desigualdade social, e crítica a uma realidade corrompida. A grande questão levantada pelo escritor esteve relacionada como o meio, a raça e a história. O meio influencia diretamente o comportamento dos personagens, que estavam sempre em busca pela ascensão, fato que ainda se faz presente nos dias atuais, a busca de ascensão social na sociedade brasileira.

No pré-modernismo, destaca-se o escritor Monteiro Lobato, considerado um dos maiores autores de histórias infantis, sua obra mais conhecida é O Sítio do Picapau Amarelo, composta de 23 volumes. Porém, suas obras se mostram tão racistas quanto o

⁶ A obra Navio Negreiro é objeto de estudo e será melhor analisado e esmiuçado na sessão seguinte.

⁷ Citação retirada da biblioteca virtual do estudante brasileiro, disponível no site [HTTP://www.bibvirt.futuro.usp.br](http://www.bibvirt.futuro.usp.br)

próprio autor que utilizava termos como “macaca de carvão”, “carne preta”, “beijuda” entre outros, para se referir à personagem Tia Anastácia presente em quase todas as histórias de Lobato, é a cozinheira do Sítio do Picapau Amarelo, uma senhora negra, que conhece várias histórias e se limita no espaço da cozinha da casa, sendo sempre evidenciada por meio de um discurso preconceituoso e pejorativo.

[...] Também apresento a minha princesa Anastácia. Nem reparam ser preta. É preta só por fora, e não de nascença. Foi uma fada que um a pretejou, condenando-a a ficar assim até que encontre um certo anel na barriga de um certo peixe. Então o encanto se quebrará e ela virará uma linda princesa loura. (LOBATO, 2012, p. 221).

No trecho do livro *Reinações de Narizinho*, observa-se um discurso discriminatório que associa a cor negra à maldição. Além de uma visão estereotipada de que uma fada precisa ser linda e loura e não negra.

No modernismo, Manuel Bandeira foi poeta, professor, tradutor e crítico. Em 1930, publicou o livro “*Libertinagem*”, em que as características desse estilo, como o uso de versos livres e a liberdade de criação e de linguagem, estavam presentes, além da temática do cotidiano.

No poema “*Irene no Céu*”, poema contido no livro *Libertinagem*, Bandeira focaliza uma personagem estigmatizada por preconceitos:

⁸Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor
Imagino entrando no céu:
-Licença, meu branco!
E São Pedro bonachão:
- Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.

Bandeira induz a meditação e constatação de fatos e ações pertinentes na sua época de vida, a desumanidade preconceituosa com a pobreza e com o racismo que perduram até os dias atuais. O fato de Irene pedir licença para entrar chamando São Pedro de meu branco, fica registrado na história mais uma vez a submissão e inferioridade do negro diante do branco.

Tendo em vista a representação do negro na Literatura brasileira e sua presença em cada estilo de época, fica evidente que este sempre é colocado de maneira discriminatória, inferior e estereotipada. E muitos autores contribuíram para essa veiculação de preconceitos quando em suas obras demonstram que o negro só serve

⁸ Poema retirado do livro *Libertinagem*, disponível no site WWW.libertinagemline.hpg.com.br

para trabalhar é raça inferior e a mulher negra objeto sexual. Discursos estes de cunho extremamente racista e machista, o que na época era considerado normal.

3. A PRESENÇA DO NEGRO NA POÉTICA DE CASTRO ALVES

Castro Alves é considerado o principal poeta da Terceira Geração do Romantismo brasileiro e figura entre um dos mais renomados escritores da literatura nacional.

Antônio Frederico de Castro Alves (Currálinho, hoje Castro Alves, Bahia, 1847- Salvador, 1871). Filho de um médico. Fez os estudos secundários no Ginásio Baiano, dirigido por Abílio César Borges. Entrou no curso de Direito em Recife, onde já começava a campanha liberal-abolicionista, de que seria um dos primeiros líderes, junto a Tobias Barreto. Apaixona-se pela atriz Eugênia Câmara para quem escreve o drama Gonzaga ou a Revolução de Minas, levado à cena em Salvador, quando já o poeta se encaminhava para S. Paulo a fim de continuar os estudos. Chegando em 1868, une-se ao melhor da juventude acadêmica nessa fase de ruptura com os aspectos mais rançosos da política imperial. São colegas seus Rui Barbosa, Joaquim Nabuco e Salvador de Mendonça. Pouco ficou em S. Paulo: um acidente de caça, ferindo-lhe o pé, obriga-o a voltar à Bahia, onde é operado. Mas o organismo, abalado pela tísica, não tem condições para resistir. Morre em 1871, aos vinte e quatro anos de idade. *As espumas Flutuantes* foram publicadas em 1870, em Salvador. Póstumos, saíram: *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876), *Os escravos* (1883) e *Hinos do Equador*, já na edição das Obras Completas (1921) aos cuidados de Afrânio Peixoto. (BOSI, 1977, p. 120)

Castro Alves engajado na causa abolicionista publicou “A Canção do Africano”, seus primeiros versos acerca do tema, em 1863, aos 16 anos de idade.

Sua poesia é classificada como “Poesia social”, que aborda o tema do inconformismo e da abolição da escravatura, através da inspiração épica e da linguagem ousada e dramática como nos poemas *Vozes d’África e Navio Negreiro*, da obra *Os Escravos*.

Castro Alves desenvolveu uma poesia sensível aos problemas sociais de seu tempo e defendeu as grandes causas da liberdade e da justiça. Conhecido também como “O Poeta dos Escravos”, Alves escreveu inúmeros poemas denunciando a situação dos negros escravizados de maneira profundamente humana.

A poesia abolicionista é considerada sua melhor realização, pois o poeta assume como sua principal missão a de denunciar as injustiças sociais no país. Alves clamava pela liberdade daqueles que viviam sob maus tratos e injustiças, dando ao romantismo um sentido social e revolucionário. Seus primeiros versos acerca do tema abolicionista *A Canção do Africano*, publicados em 1863, aos 16 anos de idade

Gonzaga ou a Revolução de Minas (1876) em que se trata de uma peça híbrida entre drama histórico, melodrama, comédia e tragédia, que encena os bastidores da Inconfidência Mineira e a busca de um senhor negro liberto por sua filha desaparecida. *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876) um poema dramático sobre a violência da escravidão, que impossibilita a plena fruição do amor por indivíduos escravizados.

Os Escravos (1883) é uma coletânea de poemas dedicados à representação comovida e indignada das atrocidades da escravidão. Entre os mais conhecidos, podemos citar *O Navio Negreiro*, um relato sofrido sobre a situação do tráfico de escravos nas viagens de navio da África para o Brasil, dividido em seis partes. E o poema *Vozes d'África* que exprime o sofrimento coletivo de uma raça que foi subjugada pela cultura ocidental, e que se vê banida de seu berço e suas raízes com todos os seus valores.

Castro Alves esteve ligado diretamente com causas sociais de grande relevância para a construção do Brasil. E, suas obras são de extrema importância para a história da Literatura Brasileira. Sua crítica tenaz à escravidão é um pilar de sua obra curta, porém intensa e sua força resiste.

“O poeta dos escravos” deixa para a história do Brasil que conseqüentemente é a nossa história, o legado de combatividade, de luta e resistência que não morre nunca, ecos de suas obras encontram-se vivos até mesmo na música, como no trecho da canção de O Rappa “Todo camburão tem um pouco de navio negreiro”. Demonstrando o que é um exemplo de clássico. Não se discute a questão da escravidão sem passar por Castro Alves, não se discute de muitas outras questões, sem que se passe por esse célebre poeta.

“Bendito aquele que semeia livros e faz o povo pensar” Castro Alves.

4. O QUE MUDOU DE LÁ PARA CÁ?

Com o fim da escravidão no Brasil, não houve um processo de inclusão dos escravos recém-libertos em nossa sociedade, o que contribuiu para uma exclusão e marginalidade dessa parte da população. Vale lembrar também, que os ex-escravos não receberam nenhum tipo de indenização por tantos anos de trabalho escravo e conseqüentemente nenhum tipo de preparo para a nova vida em liberdade.

Os senhores foram eximidos da responsabilidade pela manutenção e segurança dos libertos, sem que o Estado, a Igreja ou qualquer outra instituição assumissem

encargos especiais, que tivessem por objetivo prepará-los para o novo regime de organização da vida e do trabalho. (FERNANDES, 1965, p. 1)

Muitos dos ex-escravos permaneceram nas fazendas onde trabalhavam para vender seu trabalho e garantir algum tipo de dinheiro para sua sobrevivência. Os negros que foram morar na cidade encontravam trabalhos mal remunerados e ainda de modo braçal, já que sua cor de pele é associada ainda por muitas pessoas a esse tipo de trabalho. Com isso, aumentou o número de trabalhadores informais, ambulantes e domésticas. Muitos foram morar na rua, devido à falta de assistência, e muitos foram ocupar os cortiços nas favelas.

O período da escravidão deixou marcas permanentes na vida de negros e negras, o preconceito, a discriminação, a ideia de que eles só servem para servir encontra-se enraizada no meio.

Verifica-se que não houve tanto mudança quanto todos queríamos principalmente para aqueles que sentem na pele essa dor. Na verdade, muita coisa permanece igual, porém de maneira diferente.

Para a população negra, infelizmente tudo é difícil. O trabalho é escasso, e quando tem é de maneira pesada, braçal, por muitas horas e com salário apenas para garantir a sobrevivência. Existe o analfabetismo, pois muitos não tiveram oportunidade de frequentar à escola e continuam sem essa oportunidade, negros e negras ainda estão sujeito ao aliciamento para a rede de escravidão, trabalhos vinculados as drogas, exploração sexual diariamente ainda sofrem com ameaças, violência psicológica, punições exemplares e até mesmo assassinatos. O que nos leva a acreditar que o que existe hoje é um tipo de “escravidão moderna”.

É de suma importância o combate ativo a qualquer tipo de trabalho escravo, o preconceito, a discriminação e violência contra os negros. É necessário fazer valer as leis que visam esse combate e promover a inclusão das pessoas que encontram-se a margem da sociedade.

5. “SENHOR DEUS DOS DESGRAÇADOS”: DIÁLOGO ENTRE “NAVIO NEGREIRO” E “QUARTO DE DESPEJO”.

O que pode existir de comum entre o contexto do poema “Navio Negroiro” e a obra “Quarto de despejo” de Carolina Maria de Jesus?

⁹Negra, catadora de papel e favelada, Carolina Maria de Jesus foi uma autora improvável. Nasceu em 14 de Março de 1914 em Sacramento, Minas Gerais, em uma comunidade rural, filha de analfabetos. Foi maltratada durante a infância, mas aos sete anos frequentou a escola e em pouco tempo aprendeu a ler e escrever e desenvolveu o gosto pela leitura. Em 1977, após a morte da mãe, ela mudou para São Paulo. Aos 33 anos, desempregada e grávida, mudou-se para a favela do Canindé, na zona norte da capital paulista. Trabalhava como catadora de papel e, nas horas vagas, registrava o cotidiano da favela em cadernos que encontrava no material que recolhia.

Carolina, assim, escreveu todos os dias sobre sua realidade na favela, até que, um dia, o jornalista Audálio Dantas foi à favela do Canindé para fazer uma matéria. Nesse momento, Carolina e Audálio encontram-se. O jornalista, que buscava falar sobre a favela, quando teve acesso aos papéis de diário de Carolina, percebeu que já tinha tudo e muito mais o que falar sobre a localidade. Admirado com sua capacidade de expressão resolveu ajudá-la a publicar seu primeiro e mais famoso livro. Apesar de Carolina não ter frequentado muito a escola, o conhecimento que adquiriu no pouco que a frequentou foi o que lhe possibilitou expressar-se enquanto mulher, negra, mãe, solteira e moradora da favela, gerando um livro que foi a alavanca de sua vida.

O livro *Quarto de Despejo- Diário de uma favelada*, publicado em 1960. A obra virou Best-seller, foi vendida em 40 países e traduzida para 16 idiomas. Após a publicação e o sucesso do primeiro livro, a autora se mudou para Santana, bairro de classe média da capital. Três anos depois, publicou o romance *Pedaços de Fome* e o livro *Provérbios*.

A escritora nunca quis casar e teve três filhos cada um de um relacionamento diferente. Morreu em Fevereiro de 1977, aos 62 anos de idade, vítima de insuficiência respiratória.

O livro Quarto de Despejo é um relato fiel das vivências de Carolina na favela, sobre como sobrevivia à fome com seus filhos e até hoje é um relato atual de vida de muitas outras mulheres nas favelas do Brasil.

É uma obra do século XX que tem muito em comum com a obra O Navio Negreiro do século XIX, pois as mesmas retratam de maneira fiel a condição do negro desde o período escravocrata até a contemporaneidade, o poema de Alves trazendo a situação escrava do passado e o livro de Carolina relatando a situação escrava atual e as

⁹ Biografia pesquisada na revista Galileu, disponível no site [HTTP://revistagalileu.globo.com/cultura/noticia](http://revistagalileu.globo.com/cultura/noticia)

consequências que o longo período de escravidão deixou para a sociedade dos dias atuais. As duas obras são representações da condição do negro e negra no Brasil, a violência, a miséria, a fome, o preconceito, o sofrimento e, as más condições de vida que ainda passam até hoje, conforme esse da obra “Quarto de Despejo”: “24 de Julho. Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar. Eu suicidando-se é por deficiência de alimentação no estomago. E por infelicidade eu amanheci com fome”. (JESUS, 2014, p.84)

Carolina relata com bastante frequência a fome por que passava, e consequentemente seus filhos também, muitas vezes não tendo dinheiro para comprar algum tipo de refeição ia catar no lixo o que pudesse servir. E isso era o que mais doía não ter comida em casa para alimentar seus filhos.

O problema da fome é histórico e sempre se fez presente na sociedade e no meio, no período da escravidão isso era bastante comum e ocorria com muita frequência, nos porões dos navios negreiros, como relata o poema:

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs! (ALVES, 2007 p. 13)

As negras mães não tinham leite para amamentar os filhos, pois não recebiam alimentação adequada para produzi-lo, mães e filhos eram magros e desnutridos por conta da fome. Eos enjoos eram constantes, por conta da imundice e dejetos humanos nos porões.

Desumano, violento e infernal são palavras que fazem referência aos navios negreiros. A violência era um fato constante que ocorria o tempo todo. Os africanos escravizados dentro dos porões eram mantidos acorrentados para evitar revoltas, e as mulheres eram violentadas por parte da tripulação.

Era um sonho dantesco... O tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,

Os tumbeiros como também eram chamados os navios, foram marcados por condições deploráveis de existência, era uma verdadeira prisão, já que raras às vezes os escravos podiam subir para tomar um banho de sol, situação de total cárcere privado.

Os horrores cometidos pelo regime escravista jamais serão apagados, e deixou rastros para o hoje, em que muitas pessoas de pele negra sofrem violências de todas as maneiras, simplesmente por sua cor, e pelo preconceito impregnado e cravado na sociedade e nas pessoas.

Os meus filhos não são sustentados com o pão da igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pedem socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebram as tábuas do barracão eu e meus filhos dormimos sossegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas. (JESUS, 2014, p.14)

A violência se faz muito presente na sociedade, principalmente contra as mulheres que sofrem desde sempre todo tipo de agressão. No período da escravidão serviam como objeto sexual, eram maltratadas e espancadas, isso pouco mudou, visto que na atual contemporaneidade um dos crimes mais cometidos é a violência contra mulher, e encontra-se presente no discurso de Carolina, onde relata as violências que suas vizinhas sofriam por parte de seus maridos, comparando a um tambor o qual serve para bater e fazendo menção as escravas indianas, essa é a vida de muitas mulheres que residem em favelas. Estão sujeitas a muitas violências.

A miséria é um estado enorme de sofrimento, infelicidade e desgraça. E essa era a realidade e condição de vida dos escravos que eram transportados nos navios.

Preso nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que martírios embrutece,
Cantando, geme e ri! (ALVES, 2007 p.1 3).

Os escravizados viviam na miséria e desgraça, muitas das vezes de tanto sofrer desenvolviam sentimentos de depressão e vontade de morrer, não era pra menos com a vida que levavam. E, esse estado de vida ainda se reflete em multidões famintas, como diz Alves no poema. Multidões que sofrem com uma vida miserável, o que é realidade hoje.

(...) Percebi que chegaram novas pessoas para a favela.

Estão maltrapilhas e as faces desnutridas. Improvisaram um barracão. Condoí-me de ver tantas agruras reservadas aos proletários. Fitei nova companheira de infortúnio. Ela olhava a favela, suas lamas e suas crianças paupérrimas. Foi o olhar mais triste que eu já presenciei. Talvez ela não mais tem ilusão. Entregou sua vida aos cuidados da vida.

...Há de existir alguém que lendo o que escrevo dirá... isso é mentira!

Mas, as misérias são reais. (JESUS, 2014, p. 39)

Como afirma Carolina, as misérias são reais, as crianças maltrapilhas e desnutridas é uma realidade, e são os olhares mais tristes que podemos ver. Devido à falta de inclusão, e de oportunidades, muitas famílias estão sujeitas a morar em favelas vivendo lado a lado com a miséria.

O sofrimento dos negros escravizados é algo que não se pode mensurar, o pior dos sentimentos é o de sofrer. É repugnante saber que existiu tanto horror perante o céu. Horror que mancha nossa história e jamais será apagado.

Senhor Deus dos desgraçados!

Dizei-me vós, Senhor Deus!

Se é loucura... se é verdade

Tanto horror perante os céus?!

Ó mar, por que não apagas

Co' a esponja de tuas vagas

Deu teu manto este borrão?...

Astros! noites! tempestades!

Rolai das imensidades!

Varrei os mares, tufão! (CASTRO, 2007, p. 13-14)

O sentimento de revolta é predominante. Como pôde existir um regime capaz de causar tanta dor e sofrimento, capaz de subjugar um povo pela cor da pele. Infelizmente será para sempre a pior de nossas heranças, como bem disse Darcy Ribeiro. Tanto horror aconteceu perante um céu e um Deus que se tornou o Deus dos desgraçados. Foram escravos sem luz, sem ar, sem razão. Que deixaram sua história registrada que será sempre lembrada como símbolo da resistência. E como bem diz Carolina, o povo deve lutar para melhorar o Brasil.

Quando o arco-íris surgia eu ia correndo na sua direção. Mas o arco-íris estava sempre distanciando. Igual os políticos distantes do povo. Eu cansava e sentava. Depois começava a chorar. Mas o povo não deve cansar. Não deve

chorar. Deve lutar para melhorar o Brasil para os nossos filhos não sofrer o que estamos sofrendo. (JESUS, 2014, p. 46).

Essa é a mensagem que fica. O povo não pode cansar, não pode parar, devemos ser resistência e sempre buscar direitos iguais. É necessário que se tenha políticas visando à inclusão das pessoas que estão à margem da sociedade, dando oportunidade de um futuro melhor, uma vida melhor, um Brasil melhor.

E, fica evidente que duas obras de séculos distintos têm muito em comum quando se trata sobre a escravidão e suas marcas para a sociedade atual. Castro Alves relatando a tragédia no mar e Carolina Maria relatando fielmente seu cotidiano como mulher negra, pobre e favelada. Os dois trazendo em suas obras temas de extrema importância para nossa história. A fome, miséria, violência e o sofrimento de um povo que muito resistiu.

E apesar de se passado muito tempo, pouca coisa mudou, infelizmente. O preconceito, o racismo devem ser urgentemente extinguidos, se é que isso é possível, senão for, deve ser combatido ativamente para que negros e negras do Brasil possam viver em paz e aprender cada vez mais a gostar de si mesmo, sem os julgamentos de pessoas que desconhecem a história de um povo que muito contribuiu com a nossa história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto contém elementos que traduzem parte da trajetória do negro na história do Brasil, desde o período colonial, até a contemporaneidade. Observando o papel de objeto no qual o negro africano, vendido como mercadoria, encontrava-se. A resistência negra contra a escravidão evidencia a repulsa que os escravos sentiam. Foram mais de três séculos de escravidão negra que ficaram marcados na história do Brasil como a pior de nossas heranças impregnada na alma. Felizmente, esse regime cruel teve fim de certa maneira.

A partir do século XIX observamos as transformações por qual o Brasil vinha passando e a trajetória do negro começou a mudar esse perdendo sua função econômica visto que o processo de abolição do tráfico negreiro e a abolição da escravatura duraram bastante tempo tendo leis que mediaram esse processo, entretanto, uma nova vida começava a se desenhar para a população negra, que agora era liberta e precisaria recomeçar do zero. E esse foi o começo de um novo sofrimento. Quando pensavam

estar construindo tudo que lhes foi tirado um dia, estavam na verdade travando uma nova batalha, a de fazer parte de sociedade preconceituosa e racista. E a marginalização dessa população foi inevitável.

Não tiveram nenhum tipo de indenização por tanto tempo de trabalho forçado, não houve programas de inclusão, não houve oportunidades, não houve direitos iguais, o que obrigou essa população a procurar e construir abrigo nas favelas, ou morar nas ruas vivendo e trabalhando apenas para ter o que comer e conseguir sobreviver. O que tornou-se a realidade do hoje, resultado de todo esse trajeto é a fome, miséria, violência, preconceito e sofrimento de muitas pessoas que sentem isso tudo na “pele” dia após dia.

O presente trabalho utilizou de pesquisa de cunho bibliográfico para compor o texto, e autores renomados que são de grande importância para a Literatura Brasileira e que contribuíram fortemente com a história do Brasil. Castro Alves, o verdadeiro poeta dos escravos foi uma revolução de seu tempo, combatendo a escravidão e as injustiças sociais que assolavam o país na época. E, Maria Carolina, mulher negra, mãe solteira, pobre e favelada e contou-nos fielmente sua realidade de vida que hoje é a realidade de vida de muitas mulheres que residem nas favelas do Brasil.

Obtendo resultados extremamente satisfatórios e de grande valia e contribuição para o conhecimento de um marco histórico ocorrido. Através da Literatura podemos ter acesso a todo esse processo e através dela é que podemos transmitir esse conhecimento. E esse foi o objetivo maior do trabalho, contribuir com o conhecimento e levar a mensagem de que precisamos de um lugar melhor para viver, um Brasil melhor para todos, com mais igualdade e menos preconceito. E para isso, é preciso que todos se libertem desse mal impregnado na alma. O combater o racismo deve ser um trabalho constante. E deve começar desde sempre, nas escolas, ensinar todo esse longo processo para que as crianças cresçam sabendo que de maneira alguma devemos julgar alguém pela cor da pele, todos são iguais perante a lei, ou pelo menos todos deveríamos ser. Assim, teremos um lugar melhor para viver com pessoas conscientes de que a população negra suas crenças, costumes e tradições contribuíram para a formação do Brasil e a formação de quem somos hoje.

Seremos sempre resistência!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Castro, 1847-1871. **O navio negroiro e outros poemas** / Castro Alves – São Paulo: Saraiva 2007 – (Clássicos Saraiva)

ASSIS. MACHADO DE. **O caso da vara**. Texto proveniente de: A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://WWW.bibvirt.futuro.usp.br>> A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo. Permitido o uso apenas para fins educacionais.

AZEVEDO, Aluísio, 1857-1913. **O cortiço** [recurso eletrônico] / Aluísio Azevedo: prefácio de Maurício Silva. – 2. ed. – Brasília: Câmara dos deputados, edições câmara, 2019. – (Série prazer de ler; n.12 e-book)

BANDEIRA. Manuel. **Libertinagem**. WWW.libertinagemonline. Hpg.com.br

FREYRE. Gilberto. 1900-1987. **Casa Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o regime da economia Patriarcal**/ Gilberto Freyre; apresentação de Fernando Henrique Cardoso. - 48 ed. rev.- São Paulo: Global, 2003. - (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil; 1).

FERNANDES. Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**. Vol. I. São Paulo: Dominus, 1965.

JESUS. Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10 ed.- São Paulo: Ática, 2014.

LOBATO. Monteiro. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Globo, 2012b.

MATOS. Gregório de. A Mesma D. Ângela. [Http://WWW.dominiopublico.gov.br](http://WWW.dominiopublico.gov.br)

MATOS. Gregório de. **Annica**. 3 ed. Editora Record, Rio de Janeiro, 1992.

RIBEIRO. Darcy. **O Povo Brasileiro. A formação e o sentido do Brasil**. Companhia das letras- 1995. São Paulo. 2 ed